

AS CONTRIBUIÇÕES DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Thaís Mota Diniz¹

RESUMO

Este artigo propõe-se compreender a relevância da Teoria das Inteligências Múltiplas, no sentido de ampliar a visão sobre essa faculdade e ainda contribuir para o desenvolvimento e formação dos alunos da Educação Básica. Por meio de pesquisa bibliográfica, apresenta-se o conceito de inteligência, sua pluralidade e evolução, e estratégias para trabalhá-las em sala de aula. Assim, evidencia-se com este estudo, como essa teoria pode auxiliar tanto na prática pedagógica enriquecendo-a, quanto na aprendizagem discente estimulando-a.

Palavras-Chave: inteligências múltiplas; aprendizagem; ensino.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz como tema as contribuições da Teoria das Inteligências Múltiplas no trabalho docente e na aprendizagem discente e buscou apresentar como esta teoria pode orientar a prática do professor e estimular as capacidades dos alunos.

Com este material procurou-se analisar de que forma o uso da Teoria das Inteligências Múltiplas, postuladas por Howard Gardner pode fornecer subsídios para o trabalho na sala de aula, visando ao desenvolvimento pleno, ao considerar a criança na sua totalidade e não apenas em áreas restritas.

Por compreendermos que a ideia de inteligência estudada aqui excede os limites de uma inteligência única, buscou-se entender a concepção formulada pelo psicólogo, conhecida como Inteligências Múltiplas e como tal objeto pode ajudar na ampliação de conhecimentos e na formação integral dos alunos, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases nº. 9.394/96.

¹ Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Paulistana – Unipaulistana. Graduada em Letras e Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

Para tanto, na primeira parte trataremos das acepções sobre inteligência elaboradas por Gardner (1995) e Celso Antunes (2001), bem como da evolução desses conceitos até o nascimento da Teoria das Inteligências Múltiplas. Num segundo momento, descreveremos como esse elenco de inteligências manifesta-se e quais são suas singularidades. E para finalizar, na terceira parte apresentaremos como essas inteligências podem ser exploradas e estimuladas em sala de aula, por meio de jogos e estratégias diferenciadas, auxiliando o trabalho docente e a aprendizagem discente.

Assim, o objetivo deste estudo foi ampliar o campo de visão de ambos os envolvidos na educação, ou seja, tanto professores quanto alunos, rompendo com a ideia de que existem áreas determinadas que devam ser trabalhadas com mais obstinação, como comumente acontece com a língua portuguesa e a matemática.

A relevância deste trabalho justifica-se no sentido de orientar os educadores a expandirem seus olhares e concepções acerca da inteligência, estimulando tais capacidades, proporcionando assim não só respeito quanto às singularidades dos alunos, mas também uma evolução contínua de seus educandos, cumprindo assim com seu papel na educação.

A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico e buscou explorar os pensamentos de Howard Gardner, precursor da Teoria das Inteligências Múltiplas e de Celso Antunes, teórico que também versou sobre a obra do psicólogo e procurou formular estratégias de como tais conceitos poderiam contribuir com o trabalho docente e a formação discente.

2 CONCEITOS SOBRE INTELIGÊNCIA

Naturalmente já ouvimos falar sobre inteligência durante as nossas vivências, sobretudo, as escolares, pois são nestes momentos que tal preceito parece sobressair. Nesse contexto entendemos que inteligência é um atributo positivo que, só tem aqueles que compreendem de imediato os conceitos explicados pelo professor, cujas respostas estão de acordo com os ensinamentos ministrados e reproduzem as falas dos mestres. Essa é uma definição clássica e tradicional que um dia já representou o conceito de inteligência, mas que, no entanto, não exprime todo o seu grau semântico.

Etimologicamente, o termo inteligência nasce da junção de duas palavras latinas, *inter*, a qual corresponde à preposição: *entre* e *eligere* cujo significado é o verbo *escolher*. Deste modo pode-se compreender tal expressão como uma forma de escolha, ou seja, um caminho o qual optamos como mais adequado.

Ainda sobre a acepção de inteligência, o dicionário Caldas Aulete (2011, p. 504) determina-a como “faculdade de entender, compreender”, um “juízo, discernimento” sobre algo. Destarte amplia-se o seu sentido etimológico, sem contradizê-lo e corrobora para que inteligência seja a capacidade que temos de assimilar algo ou nosso poder de decisão sobre um destino mais acertado.

Consoante Celso Antunes (2008, p. 11), a inteligência:

é produto de uma operação cerebral e permite ao sujeito resolver problemas e, até mesmo, criar produtos que tenham valor específico dentro de uma cultura. Dessa maneira, a inteligência serve para nos tirar de alguns “apertos” sugerindo opções que, em última análise, levam-nos a escolher a melhor solução para um problema qualquer.

Nessa linha de raciocínio, verifica-se como o diálogo existente entre os conceitos explorados e a forma como se relacionam, contribuem para que a concepção de inteligência corresponda não apenas à faculdade de lidar com determinados conflitos e encontrar resoluções que resolvam tais problemas, mas ainda permitem possibilidades de abstração ou entendimento sobre determinados assuntos.

2.1 Estudos sobre a evolução da inteligência

O cenário é Paris em 1900, *la belle époque*, momento em que os franceses questionavam e preocupavam-se quanto ao futuro de suas proles. A fim de garantias que assegurassem sucesso ou fracasso escolar de seus filhos nas séries iniciais, os pais buscavam uma maneira de prever tais condições e para tanto contaram com o trabalho do psicólogo Alfred Binet, por meio de um “teste de inteligência”, no qual podia verificar-se uma medida, um valor denominado quociente de inteligência, ficando amplamente conhecido apenas por sua sigla Q.I.

Segundo Howard Gardner (1995), psicólogo contemporâneo de Harvard, tamanho foi o sucesso de tal experimento que em pouco tempo, já se alastrava por

toda a Europa e ganhava a América com suas medidas, servindo como um “instrumento científico genuinamente útil” (Gardner, 1995, p.12).

Com a propaganda de quantificar algo que até então parecia abstrato demais para tal feito, o exame foi ganhando cada vez mais adeptos, os quais criam na possibilidade de mensurar a inteligência real ou potencial das pessoas, permitindo assim que divisassem a dimensão da capacidade mental humana, estabelecendo assim parâmetros de inteligências entre as pessoas.

Embora o teste fosse bastante solicitado, era restritivo no sentido de avaliar apenas conhecimentos referentes às áreas lógica e verbal, basicamente as únicas desenvolvidas nos liceus da época.

Ao longo dos anos, o teste foi aperfeiçoando-se e ganhou novas versões, como foi o caso do SAT (Scholastic Aptitude Test), cujo objetivo era semelhante e servia para classificar crianças superdotadas. Mesmo que bastante difundidos, os testes padeciam de um mesmo defeito, já que analisavam os resultados sob uma única dimensão intelectual e desconsideravam outras possibilidades, conforme reitera Gardner (1995).

Tais estudos históricos revelam a concepção que se tinha de inteligência naquele momento, uma visão complexa, mas inadequada para hoje, a qual poderia ser dimensionada em números ou escalas.

À luz do pensamento de Gardner (1995), esse conceito além de denotar uma visão reducionista acerca da inteligência, contribuiu também para uma concepção uniforme de escola, isto é, uma óptica a qual não se aceitava outras possibilidades, apenas uma visão padronizada, conforme se verifica na fala do autor:

Na escola uniforme, existe um currículo essencial, uma série de fatos que todos devem conhecer, e muito poucas disciplinas eletivas. Os melhores alunos, talvez aqueles com Q.Is mais altos, podem fazer cursos em que precisam utilizar a leitura crítica, cálculos e habilidades de pensamento. [...] os melhores e mais brilhantes vão para as melhores universidades, e talvez – mas apenas talvez, também obtenham as melhores classificações na vida. (Gardner, 1995, p. 13)

A partir dessa declaração, consegue-se perceber que tais exercícios possuem uma validade questionável, uma vez que, embora pudessem afiançar, de algum modo, garantias restritas às habilidades específicas linguísticas e lógicas, em nenhum momento conseguiriam abarcar as outras áreas existentes não apenas dentro do âmbito escolar, mas, principalmente, fora dele. Em outras palavras, o teste de Q.I teve

o seu valor para o contexto em que foi gestado, mesmo apresentando um caráter reduzido e particular sobre as áreas investigadas. Mas que, sobretudo hoje, já não se sustenta em virtude das novas descobertas cognitivas e neurológicas, as quais colocam em xeque a ideia de uma única “inteligência geral”, e apresentam uma visão pluralista das inteligências, nomeada por Gardner, como múltiplas.

2.2 A Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner

No início da década de 1980, Howard Gardner ao conceber a teoria das inteligências múltiplas rompe com a ideia de uma única inteligência e apresenta nova maneira de explicar o funcionamento de processos neurais, os quais envolviam a aprendizagem, a memória, a consciência e as emoções, conforme salienta Antunes (2001).

Fundamentada a partir de resultados obtidos sobre atuais pesquisas neurológicas, a teoria das inteligências múltiplas surge questionando conceitos acerca da mente humana, que até então eram incontestáveis, já que o cérebro era uma região praticamente impenetrável, em razão dos recursos da época.

Em seus estudos, Gardner (1995) postula como ideal o distanciamento dos testes e suas correlações, a fim de voltar à atenção sobre como as pessoas desenvolvem capacidades importantes, de acordo com a forma de viver de cada uma delas. Exemplificando esse pensamento, Gardner (1995) utiliza uma metáfora para explicar como os marinheiros guiavam-se pelo mar, em meio a um emaranhado de ilhas e usavam como elementos norteadores as constelações e a observação para sentir como o barco velejava sobre as águas, justificando que para eles, inteligência seria algo relacionado à habilidade de navegar.

Nesse ínterim, o psicólogo ainda propõe outra reflexão utilizando novos protagonistas:

Pensem nos cirurgiões e engenheiros, caçadores e pescadores, dançarinos e coreógrafos, atletas e treinadores de atletas, chefes e feiticeiros de tribos. Todos esses papéis diferentes devem ser levados em conta se aceitamos a maneira pela qual eu defino inteligência – isto é, como a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários. (Gardner, 1995, p. 14)

Dessa forma percebe-se que o autor não trabalha com uma concepção de inteligência inata, concebida por Binet, mas alerta para a maneira como tais pessoas encontram para lidar com situações cotidianas, as quais requerem medidas.

Para formular essa visão pluralista, o pai das inteligências múltiplas ao lado de outros colegas reuniu conceitos analisados apenas separadamente e agrupou-os a fim de constatar se juntos obteriam novos resultados. Com efeito, eles estudaram como eram desenvolvidas as capacidades de crianças tidas como normais e de outras, as quais em algum momento da vida já haviam sofrido danos em determinadas estruturas cerebrais. O grupo buscou trabalhar com perfis cognitivos diferenciados e com seus estudos puderam verificar que, com o tempo, o sistema nervoso parecia ter evoluído e a partir dessa modificação permitiu que surgissem outros tipos consideráveis de inteligência.

Diante das informações recolhidas, Gardner buscou organizar e estruturar oito inteligências distintas, as quais correspondem à linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, naturalista, interpessoal e intrapessoal.

Tais avanços científicos não foram significativos apenas no que diz respeito à medicina, já que unidos daqueles conhecimentos poderiam compreender melhor algumas disfunções, mas também abriu um novo caminho para que a educação pudesse trilhar um percurso com novas diretrizes acerca da aprendizagem, estímulos à inteligência e distúrbios relacionados à atenção, memorização e criatividade, como ressalta Antunes (2001).

As mudanças de paradigmas trazidas por essa nova visão da mente humana interferem, portanto, no tema da educação e trazem novas linhas de procedimento para que a escola convencional acrescentasse às suas funções instrucional, socializadora e preparadora para o mundo do trabalho uma outra, voltada ao estímulo e educação cerebral e assim, progressivamente, possa ir se transformando em um centro estimulador de inteligências. (Antunes, 2001, p. 13).

Nesta linha de raciocínio consegue-se apreender que essas modificações são fundamentais para não só encararmos a escola como um ambiente propício e encorajador da aprendizagem, mas esta última também como o objetivo maior da escola, desmistificando a ideia de que apenas uma única dimensão da inteligência deve ser estimulada e desenvolvida, como acontecia em Paris nos liceus e em muitos colégios brasileiros.

Assim, a partir dessas descobertas, percebe-se a necessidade de um olhar mais atento as outras capacidades que até então não eram vistas e desenvolvidas. Em outras palavras, compreende-se a relevância de se trabalhar as outras áreas postuladas por Gardner como inteligências múltiplas num sentido integral, estimulando-as sem privilegiar nenhuma. Por isso cabe ao professor desse novo modelo de escola, mais esse desafio, criando estratégias para aguçar sensibilidades e competências que transcendam os limites das inteligências lógica e verbal.

3 CONHECENDO MELHOR AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Para justificar a relevância de seus estudos, Gardner amplia a visão sobre inteligência, considerando-a não somente como a faculdade de compreender ou abstrair algo, mas, sobretudo, como a capacidade de resolver diferenciados tipos de problemas. A partir desse princípio o autor buscou analisar quais fatores estão envolvidos na resolução desses conflitos e assim inferiu:

Nós não abordamos a “inteligência” como uma faculdade humana reificada, que é convocada literalmente em qualquer colocação de problema; pelo contrário, nós começamos com os problemas que os seres humanos resolvem e depois examinamos as “inteligências” que devem ser responsáveis por isso. (Gardner, 1995, p. 29)

Com base na reflexão do estudioso, verifica-se que ele parte de um princípio inverso com o qual as pessoas estão acostumadas, pois demonstra que é a partir de uma situação conflitante que a inteligência emerge para resolvê-la.

Nesse sentido pode-se compreender que buscamos solucionar nossas questões a partir das habilidades e aptidões que temos, e que por sermos diferentes uns dos outros, escolhemos um caminho próprio para resolvê-las.

Cabe destacar que tais faculdades humanas são “independentes”, já que alguém pode ter uma inteligência lógica aguçada, mas não necessariamente ter a linguística ou espacial acentuadas, conforme explica Gardner (1995).

Feitas essas considerações, compete nesse momento, descrever as oito inteligências e como elas se manifestam, isto é, como comumente aparecem nas pessoas, de acordo com as definições de Antunes (2008) e Gardner (1995).

A linguística está intimamente relacionada às capacidades de processar rapidamente mensagens linguísticas e dar sentido a elas, conferindo as habilidades de descrever, comparar, observar, concluir e sintetizar.

A lógico-matemática diz sobre aqueles que têm facilidade com cálculos e gostam de resolver problemas envolvendo lógica e evidencia as capacidades de enumerar, deduzir, seriar, medir, comparar e provar.

A espacial corresponde àqueles que têm percepção para apreender formas e objetos mesmo quando colocados em ângulos não usuais, bem como uma visão precisa do mundo, transformando e recriando experiências reais e abstratas. Nessa inteligência enfatiza-se a dedução, combinação, transferência e a localização no tempo e espaço.

A musical se dá pela facilidade em reconhecer sons diferentes, sons naturais e melodias, timbres e frequências, além de perceber intensidades de nuances. São destaques as habilidades de observação, identificação, reprodução, conceituação e combinação.

A cinestésica-corporal como a capacidade de fazer uso do corpo de forma habilidosa visando a propósitos expressivos e exploração da motricidade parcial e integral do corpo. Reconhece-se pelas aptidões em interpretar, classificar, interagir, demonstrar, comparar e medir.

A naturalista manifesta-se como uma atração pelo mundo natural e fascínio sobre questões naturais relacionadas à paisagem humanizada ou não e destaca-se pela desenvoltura em levantar hipóteses, classificar, selecionar, revisar e demonstrar.

A interpessoal e intrapessoal são conhecidas também como pessoais e são percebidas como a destreza para compreender a si e as outras pessoas, pela empatia e capacidade de autoestima, já que nelas são encontradas características como interação, percepção, autoconhecimento, ética e identificação.

Realizadas as descrições acerca das inteligências, vale enfatizar que elas se relacionam, em sua maioria, isto é, uma pessoa com a faculdade lógico-matemático aguçada muito provavelmente também terá afinidade com a musical e espacial. E além dessa ligação, todas essas habilidades podem ser alteradas ao longo do desenvolvimento humano, com estímulos significativos aplicados em momentos certos, como confirma Antunes (2008, p.16):

Em resumo, é possível afirmar com evidências científicas nítidas, que a inteligência humana pode ser aumentada especialmente nos primeiros anos de vida, mesmo admitindo que as regras desse aumento sejam estipuladas por restrições genéticas. A maior parte dos especialistas em estudos cerebrais admite situar-se entre 30 e 50% o valor das regras da hereditariedade sobre o grau da inteligência que um indivíduo pode alcançar com estímulos e esforços adequados.

Nessa linha de pensamento, entende-se que as inteligências quando estimuladas de forma apropriada, seja por profissionais na escola, seja no ambiente doméstico, além de poderem estender-se, proporcionam ainda visões de mundo muito mais abrangentes, oferecendo assim um leque maior de possibilidades para que os envolvidos façam uso a fim de resolver suas questões.

3.1 Como explorar as inteligências múltiplas no contexto escolar?

Tendo a ciência de que as inteligências, além de múltiplas, podem ainda ser ampliadas de acordo com os estímulos certos, por que não explorar tais descobertas em função de promover aprendizagens significativas e ainda demonstrar aos alunos que todos eles são dotados de capacidades variadas, ou como afirma Paulo Freire (2000) de “saberes diferentes”, desmistificando assim a ideia de que as únicas inteligências relevantes na escola são a linguística e lógico-matemática.

Partindo desse pressuposto é tarefa do professor rever sua prática profissional, deixando de apresentar o conhecimento como algo estanque e como habilidade restrita a gênios, conforme reitera Cortella (2005) e passar a oferecer aos seus alunos o processo de produção de como se dá esse conhecimento.

Outro fator extremamente importante nesse sentido é desenvolver estratégias a fim de não só envolver os alunos, mas, principalmente, despertar neles o interesse em aprender, utilizando as inteligências múltiplas como recurso para que eles possam intensificar seus pontos de vistas, formas de se relacionar com o mundo, além de participarem ativamente na sociedade como seres plenos e integrais.

Por reconhecer a brevidade deste trabalho, elencaremos algumas propostas próprias e outras elaboradas por Antunes (2001) que podem ser trabalhadas em sala com o intuito de estimular e desenvolver as inteligências mencionadas. Vale ressaltar que não é nossa intenção esgotar as possibilidades de atividades que cabem nesse contexto, apenas apresentar algumas delas, as quais poderão nortear a prática docente.

Um ponto que merece relevo é de que os exercícios propostos aqui além de poderem ser adaptados e adequados à faixa etária e graus de dificuldade, também não pretendem servir como “métodos pedagógicos”, conforme reitera Antunes (2001, p.13), mas como uma “tendência estimuladora [para que] a escola possa ser vista como um novo paradigma de compreensão do ser humano que abandona sua avaliação através de sistemas limitados e percebe com acentuada amplitude [a importância das inteligências múltiplas]”.

A fim de organizar o conteúdo listado, sistematizaremos as atividades relacionando-as com as respectivas inteligências, o que não significa que não poderemos encontrar um diálogo entre elas.

Iniciando com a lógico-matemática deve-se pensar em ferramentas que partam do contexto deles, como simulações de idas a feiras e supermercados para fazer compras, a problematização de teorias para que eles resolvam e o uso de mapas conceituais, cujo objetivo é expor e organizar o conhecimento adquirido pelos seus autores.

Em relação à linguística podem-se promover debates sobre assuntos atuais e que sejam significativos aos envolvidos. Para tanto cabe ao professor, como mediador, auxiliar na organização a fim de que os alunos aprendam a ter voz e saibam esperar sua vez. Painéis abertos expondo ideias favoráveis e contrárias a um mesmo tema, escritas cooperativas, estimulando não só a competência escritora, mas a relação com seus pares. A realização de entrevistas com personagens de seus convívios, jornais falados, invenção de produtos que ainda não existem, *brainstorming* e a elaboração de poemas e paródias tendo como mote os temas tratados nas aulas.

Quanto à musical, o concurso de paródias contextualizadas, *rappers* e trovas permitem explorar linguagens distintas para tratar de um mesmo tema. A confecção de instrumentos musicais com materiais recicláveis e apresentações coletivas ou individuais de números musicais consagrados também são eficientes.

Na cinestésico-corporal pode-se abordar a teatralização ou esquetes de peças elaboradas por eles ou já existentes, jogos humanos os quais as peças são substituídas pelos próprios alunos, como no xadrez ou alfabeto vivo. Dinâmicas de caça ao tesouro e jogos que tenham como objetivo a movimentação e resolução de problemas utilizando o corpo também são boas medidas.

Sobre a espacial a utilização de releituras é um excelente recurso para desenvolvê-la, uma vez que trabalha com novas ilustrações elaboradas sob a óptica dos alunos. Construir textos contendo mensagens cifradas, a fim de que os alunos deduzam, bem como o uso do “cliber’s”, o qual consiste em se construir mensagens restringindo o uso de alguma palavra ou letra, aguçam a criatividade e o pensamento visuo-espacial.

Já a naturalista traz como princípios atividades ao ar livre, nas quais os alunos são convidados a observarem e diante de suas visões, recriarem essas paisagens. Outro exercício interessante é explorar os espaços em torno da escola, com brincadeiras semelhantes ao “siga o mestre”.

Por fim as inteligências pessoais devem ser vistas como indispensáveis, devido ao seu caráter emocional e amplo, permitindo abarcar todas as disciplinas, por isso atividades como círculos de debates e berlindas conseguem exercitar bem os pontos de vistas, o respeito com as diferenças e a auto e heterocríticas. O uso de dramatizações também é bem-vindo, uma vez que oferece aos alunos a vivência de outras histórias e emoções. Para trabalhar o autoconhecimento, diários emocionais, autorretratos e leituras também são bastante válidas, por proporcionarem seus aspectos humanizadores, como postulou Candido (2010).

E para finalizar uma estratégia que consegue envolver tanto a intrapessoal, quanto a interpessoal são campanhas filantrópicas ou relacionadas ao meio ambiente, pois ao auxiliarem o próximo ou a natureza, além de exercerem seus direitos e deveres como cidadãos, despertam a sociabilidade e a reflexão sobre si e sobre a alteridade do outro.

Tendo em vista as atividades propostas, verifica-se que muitas delas já são amplamente aplicadas em sala de aula, às vezes até por profissionais que não conhecem a teoria das inteligências múltiplas, mas que reconhecem a importância de se estimular o aluno a desenvolver-se integralmente não só como discente, mas, sobretudo, como cidadão. Evidente que quando o professor tem ciência acerca da teoria e consegue pensar a partir desse viés, a sua prática é diferenciada e ele se torna um multiplicador desse elenco de inteligências. Por isso é primordial que o docente busque constantemente se aperfeiçoar, inteirando-se sobre ferramentas que possibilitam uma aprendizagem prazerosa e significativa aos seus alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos desenvolvidos acerca da concepção de inteligência, buscamos retratar como esse conceito foi concebido num primeiro momento, como uma qualidade inata, mensurada por quesitos lógicos e linguísticos, até a sua evolução com a ideia plural, múltipla postulada por Gardner em meados de 1980.

Com base nessa acepção pluralizada encontramos novos significados para inteligência, entendendo-a como uma capacidade particular, portanto múltipla, que o indivíduo encontra para resolver seus problemas.

Diante das adversidades que nos deparamos cotidianamente no corpo social que habitamos, evidencia-se o pensamento de Gardner (1995, p. 30) o qual afirma que “na medida em que quase todos os papéis culturais exigem várias Inteligências, torna-se importante considerar os indivíduos como uma coleção de aptidões, e não como tendo uma única faculdade de solucionar problemas que pode ser medida por meio de testes de papel e lápis”. Nesse ínterim, destaca-se como essas inteligências múltiplas são primordiais para que continuemos exercendo nossos papéis sociais, sobretudo dentro dos locais de ensino cuja urgência por reformulação se faz imperativa, a fim de desmistificar a ideia que algumas inteligências devem sobressair-se em relação as outras, como é o caso da linguística e da lógico-matemática.

Por meio das pesquisas realizadas, verificou-se a necessidade de uma formação ampla e integral dos seres e o quanto a teoria das inteligências múltiplas pode contribuir para esse processo, uma vez que elas podem ser trabalhadas e estimuladas visando ao crescimento e progresso contínuo dos envolvidos.

Com efeito, percebe-se o quanto a escola precisa adequar-se a esses novos conceitos, bem como o seu corpo docente, buscando qualificações contínuas e atualizadas sobre estratégias e ferramentas para um ensino e aprendizagem eficientes e significativos.

Assim compreende-se o valor deste trabalho, no sentido de orientar a prática profissional docente e oferecer subsídios para que os discentes possam constituir-se cidadãos plenos e conscientes de suas totais faculdades e habilidades para lidar não apenas com os conflitos atinentes do âmbito escolar, mas de todas as esferas nas quais transitam.

Por reconhecermos a complexidade e brevidade deste artigo, cumpre esclarecer que não existem receitas prontas para se trabalhar a T.I.M, mas sim algumas estratégias e jogos que podem estimulá-las e desenvolvê-las, sobre as quais elencamos algumas, mas de modo algum, esgotamos tais possibilidades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

_____. **Como identificar em você e seus alunos as inteligências múltiplas**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

AULETE, Caldas; GEIGER, Paulo (org.). **Caldas Aulete Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: A teoria na prática**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Múltiplas inteligências na prática escolar**. Cadernos da TV Escola, 1999.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.